

TEXTOS NORTEADORES DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO (GDs)

Os Grupos de Discussão ocorrerão em dois dias – dias 19 e 20 de abril - com duas horas de duração (10h30 às 12h30). Além da leitura, análise e aceite dos trabalhos inscritos a coordenação do GD teve sob sua responsabilidade a elaboração de um texto delineando o perfil e problematizando as questões centrais dos trabalhos inscritos. Esse texto será o norteador das reflexões e discussões do GD, substituindo a mera apresentação individual dos trabalhos.

GD Os docentes frente à cultura escolar: suas práticas e seus materiais

Local: Sala 4105 – FaE/UFMG

Elaine Lourenço (Universidade Federal de São Paulo – Unifesp)
Jaqueline de Almeida (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo)

Este grupo de discussão tem como foco o trabalho cotidiano do professor de História e, sobretudo, as estratégias e materiais que utiliza. Frente aos novos desafios da educação contemporânea, que busca a homogeneização dos diferentes, o que se pretende debater é a metodologia dos docentes, seus projetos, suas experiências, seu trabalho com as novas tecnologias, a fim de compreender as novas realidades das salas de aula e da atuação profissional. Nesse sentido, as mudanças na cultura escolar frente ao ingresso de um novo público, outrora excluído deste universo, também fazem parte das preocupações deste GD, assim como os novos currículos propostos e seus impactos na cultura escolar e nas práticas dos professores. Em síntese, o que se quer discutir é a atuação do docente de História do ponto de vista da cultura escolar, a partir de suas práticas, de seus recursos e de suas relações com os currículos propostos.

Considerando que o conceito de cultura escolar é central para este trabalho, parte-se da definição de Antonio Viñao Frago. Segundo sua análise, a cultura escolar:

[...] seria constituída por um conjunto de teorias ideias, princípios, normas, modelos, rituais, inércias, hábitos e práticas (formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentadas ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras de jogo não interdidadas, e repartidas pelos seus actores, no seio das instituições educativas. Tradições, regularidades e regras de jogo que se transmitem de geração em geração e que proporcionam estratégias: a) para a integração em tais instituições e interacção nas mesmas; b) para levar a cabo, sobretudo na aula, as tarefas quotidianas que se esperam de cada um, e fazer frente às exigências e limitações que tais tarefas implicam ou comportam e c) para sobreviver às sucessivas reformas, reinterpretando-as e adaptando-as ao seu contexto e às suas necessidades. [...] A cultura escolar seria, em síntese, algo que permanece e dura; algo que as sucessivas reformas só arranham ao de leve, que a elas sobrevive, e que constitui um sedimento formado ao longo do tempo. Um sedimento configurado, isso sim, por capas mais mescladas do que sobrepostas que, em jeito arqueológico, é possível desenterrar e separar. É neste sentido que caberia dizer que a tarefa do historiador é fazer a arqueologia da escola. █

Sob tal inspiração, com vistas a promover uma “arqueologia da escola”, convidamos os integrantes deste grupo de discussão a refletir sobre os trabalhos aqui apresentados. A intenção é perceber como cada um dos textos pode, e deve, dialogar com a cultura escolar em questão, ora nas diferentes escolas pesquisadas, ora nas normativas oficiais, ora nos materiais utilizados em sala de aula, em busca não de tratar estes movimentos como estáticos ou isolados, e sim como algo dinâmico e renovado a cada gesto.

A fim de organizar as discussões em dois dias, os trabalhos foram subdivididos em dois blocos, conforme suas afinidades temáticas. No primeiro estão aqueles que dialogam mais de perto com a formação docente, a identidade do professor, a atuação em sala de aula e a relação mais próxima com os currículos escolares, ou seja, tudo que envolve a atividade docente, de uma maneira ampla e geral.

No segundo, os trabalhos que têm como foco principal os materiais utilizados pelos professores, com o predomínio do livro didático, as relações com as novas tecnologias e os novos temas propostos para o ensino de História. Esta classificação é apenas indicativa e não pretende esgotar todas as possibilidades do debate, mas, antes, criar um eixo em torno do qual o grupo possa se reunir e compartilhar ideias e práticas.

Eixo I – Os professores: formação e atuação

- Como se formam os professores?
- Como atuam os professores?
- A quais currículos os professores estão sujeitos?

Neste eixo, discutiremos as questões relacionadas primordialmente ao trabalho docente. O primeiro trabalho é de Luciana Oliveira Correia (A categoria “Código disciplinar da História”: reflexões sobre cultura escolar e formação docente), no qual a autora propõe a possibilidade de pensar a formação nas licenciaturas em História a partir da categoria “Código disciplinar”. Ainda com o foco nas licenciaturas, o trabalho de Sandra Regina Mendes e Thais dos Santos Vinhas (Ressignificar saberes através de práticas inovadoras em estágio supervisionado: reflexões sobre a formação do professor de História) discute a reformulação da disciplina de Estágio Supervisionado em um curso desta modalidade.

Nem todos os docentes que atuam com ensino de História têm formação nas licenciaturas da área, e são os desafios enfrentados por estes profissionais que atuam nas séries iniciais o tema do trabalho de Sueli de Fatima Dias e Mario de Souza Martins (Ensino de história nos anos Iniciais do ensino fundamental: atuação e formação docente). Este nível de ensino também é o objeto da pesquisa de Nayad Pereira Abonizio e Magda Madalena Tuma (Os conteúdos de História nos documentos oficiais e a seleção feita por professores do 4º e 5º do ensino fundamental), que problematiza a relação do ensino de História frente às disciplinas de Português e Matemática.

Os currículos propostos pelos PCNs do Ensino Médio são o objeto de estudo de Fabio Alves Jorge (Análise da proposta de ensino de História a partir dos PCN’S: as percepções discentes sobre a disciplina e como o professor trabalha), que também entrevistou alunos deste segmento. Em relação aos currículos propostos por governos estaduais, dois trabalhos se apropriam do tema para análise. São eles: Thiago Figueira Boim (“São Paulo faz Escola”: proposta curricular, materiais didáticos e práticas docentes em escolas públicas estaduais em São Paulo) e Thiago Rodrigues Nascimento (O velho “script”: formação continuada e ensino de História na rede estadual do Rio de Janeiro).

Um último trabalho sobre currículo, de Regina Célia do Couto (O ensino de história na fronteira Brasil-Uruguai: vontade de nacionalidade, pertencimentos e cultura cívica), apresenta uma perspectiva comparada binacional e confronta uma experiência de Rio Branco, no Uruguai, e Jaguarão, no Brasil.

Para além dos currículos, o trabalho docente é regrado e a cada tempo práticas e realizações diferentes. A pesquisa de Angélica Alves Bueno e Eriziane de Moura Silva Rosa (Políticas educacionais e práticas educativas: disputas, permanências, mudanças e perspectivas) discute as mudanças provocadas a partir da implantação da HTPC. Em outra perspectiva, uma atividade que foi desenvolvida no intervalo dos turnos escolares é o tema abordado por Dismael Sagás (Projeto Rádio Corredor).

A escola pública é o lugar onde a maior parte dos docentes atua e o trabalho de Janete Rosa Dutra (O ensino de História na escola pública: uma análise do contexto escolar e suas implicações no ensino de História) problematiza este espaço. É possível também pensar na interação dos professores nas escolas, sobretudo entre os mais experientes e os recém-chegados, e este é o foco de Adriana Haruyoshi Biason e Sandra Regina Ferreira de Oliveira (Uma escola com espaço para o professor aprender). Os novatos ainda são analisados por Caroline de Mattos de Moraes e Jussemar Weiss Gonçalves (Novos olhares: ensino de história na perspectiva de professores iniciantes da cidade do Rio Grande (RS)).

Há diferentes trabalhos que analisam práticas docentes em sala de aula contra o pano de fundo das especificidades de seu lugar social. Neste conjunto, podemos agrupar os textos de Pablo Luiz de Oliveira Lima (Os trabalhadores e o trabalho do Ensino de História em Belo Horizonte: formação, práticas de ensino, materiais didáticos e condições de trabalho), que parte da atuação na cidade de Belo Horizonte, e Alisson Guilherme Gonçalves Bella (Desconstruindo a História Oficial: como lidar com o discurso de frente pioneira com alunos do ensino fundamental?), que discute o contexto da atuação em Londrina. Já o texto de João Batista Gonçalves Bueno (Saberes metodológicos de ensino de História: 6º e 7º anos do ensino básico da cidade de Guarabira– PB(2013-2014)), se dedica a uma análise mais detalhada das séries mencionadas.

Por fim, toda atividade docente é marcada pelas avaliações, seja em relação a seus alunos, seja frente às avaliações externas. A primeira modalidade é debatida por Alessandra Gasparotto e Daniela Oliveira

Silveira (Vale nota? Algumas reflexões sobre as práticas de avaliação na escola e no ensino de História).

Eixo II – Os materiais didáticos e os novos temas do ensino de História

- Quais materiais os professores utilizam em seu cotidiano?
- Quais as possibilidades das novas tecnologias de informação?
- Quais os novos temas abordados pelo ensino de História?

O livro didático é o material mais antigo presente no cotidiano escolar e até hoje sua presença é marcante para professores e alunos; desta forma, ele se torna objeto de estudo de muitos pesquisadores, inclusive neste GD. Uma análise de seu conteúdo está presente nas pesquisas de Almir Felix Batista de Oliveira (Patrimônio Cultural e o Livro Didático de História), de Amanda da Cunha Conrado (O livro didático de História em discussão: apontamentos sobre fontes e conceitos) e de Ana Maria Garcia Moura e Carla Karinne Santana Oliveira (A História do Tempo Presente (HTP) nos livros didáticos de história (1960-2000)).

Dois outros textos que podem se enquadrar neste recorte são o de Ana Paula Squinelo (O que se ensina e o que se aprende nas aulas de História? A Guerra do Paraguai e as Coleções Didáticas do PNLD 2014) e o de Laura Nogueira Oliveira (A história ambiental e o ensino de temas de História do Brasil), que parte do PNLD 2015. Por fim, a questão da recepção do livro didático é abordada por Adriana Soares Ralejo (Livro didático para quem? Perspectivas de apropriação pelos professores).

Dois trabalhos partem da produção de um material didático original para o ensino de História local. São propostos, respectivamente, por Carla Rejane Barz Redmer Schneid e Carmem Burgert Schiavon (Estratégias de ensino para a história local através dos bens patrimoniais de São Lourenço do Sul – RS) e Cristina Helou Gomide (Literatura e História Sequencial: a produção de um material didático para o ensino básico).

As novas tecnologias também receberam a atenção de vários pesquisadores e formam o conjunto a seguir descrito. O trabalho de Márcia Maria Dias e Eucídio Pimenta Arruda (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no Contexto da Formação Inicial de Professores de História) busca a presença destas discussões nos currículos de formação de professores, enquanto o texto de Rosa Maria Pelegrini (A construção do saber histórico escolar na contemporaneidade: utilização de ferramentas da Web 2.0 como recurso pedagógico) propõe a criação de blogs como ferramenta de trabalho.

Os materiais digitais utilizados para a formação de professores são o tema de Gisela Andrade e Marisa Massone (La historia de la inmigración en la Argentina en los nuevos materiales digitales). Já as possibilidades da formação e atuação docente em museus virtuais são discutidas por Douglas Sales Silva (Simulação e modelagem computacional de museus históricos interativos orientados ao visitante: perspectivas para o ensino e a formação de professores). A análise de uma série televisiva, disponível também na internet, e seus impactos no ensino de História é o tema de María Gabriela Carnevale (“El asombroso mundo de Zamba”: una propuesta para interrogar la cultura escolar mediante el análisis de materiales digitales).

Ainda no campo da sala de aula, há dois trabalhos que se dedicam ao estudo dos jogos como ferramentas de ensino, de Gregory Humai de Toledo e Guilherme Luis Pampu (A utilização de jogos para o ensino de História) e Rafael Vicente Kunst (Ensino de História e uso de jogos para a elaboração de narrativas).

Por fim, um tema que se tornou imprescindível para o ensino de História nos últimos anos, a Educação Patrimonial, aparece aqui com três trabalhos, sendo que dois deles provêm do Pibid e tem Santa Catarina como espaço de estudo: Larissa do Livramento Pereira e Valéria Gontarczyk (Experiências docentes no PIBID História: a formação do professor pesquisador e uso de materiais didáticos sobre história local patrimônio cultural na escola básica municipal “Batista Pereira”) e Tiago Felipe Valério e Raphael Tarso Silveira (Ensino de História Local e Patrimônio Cultural: experiências docentes desenvolvidas no PIBID). O último texto voltado a esta temática tem um recorte bastante original e parte da análise dos cemitérios: Paulo Hipólito e João Batista Gonçalves Bueno (Um campo (santo) de possibilidades: considerações sobre o potencial pedagógico do cemitério como fonte para o ensino de História).

Uma arqueologia possível?

O percurso aqui traçado mostra a grande diversidade e, por que não dizer, a “vivacidade” da escola e do ensino de História. Aproveitando o tema deste encontro, “Questões socialmente vivas e o ensino de História”, podemos perceber que as mudanças propostas para os sistemas escolares foram e são objeto de debates intensos, que os professores pensam e repensam sua formação profissional, suas práticas de

sala de aula. De outro lado, notamos que os materiais utilizados em sala de aula são apropriados e questionados em muitas facetas, ao mesmo tempo em que novos temas aparecem e trazem novos significados e desafios para os docentes e seu trabalho. Desta forma, espera-se que a “arqueologia” aqui proposta nos faça perceber as muitas camadas mescladas e diversas que perpassam o trabalho profissional dos professores de História.